



ARQUITETURA NEOCOLONIAL: UM DENOMINADOR COMUM NO CENÁRIO LATINO-AMERICANO DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX¹

JOÃO PAULO CAMPOS PEIXOTO

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Programa de Pós-graduação em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. Rua do Lago, 876, Butantã – CEP 05508-080 – São Paulo – SP
<https://orcid.org/0000-0001-9892-9990>
joaopec@usp.br

Recebido: 26/04/2021

Aprovado: 02/08/2021

RESUMO

Vertente arquitetônica que se difundiu amplamente pelo continente latino-americano de forma quase sincrônica ao início do século XX, o neocolonial pode ser entendido como um “denominador comum” na arquitetura produzida nos países que compõe esse grupo. Este trabalho objetiva abrir um debate acerca da historiografia referente à arquitetura neocolonial sob uma perspectiva latino-americana e transnacional, viés de estudos que desponta como uma via importante para uma compreensão mais ampla dessa temática. Para tanto, como parte da análise de uma publicação basilar a essas discussões está o livro *Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*, publicado em 1994. Organizada por Aracy Amaral, a publicação conta com a colaboração de nomes proeminentes aos estudos latino-americanos: Marina Waisman, Ramón Gutiérrez, Roberto Segre, Margarita Gutman, Germán Téllez, dentre outros. A partir de seus desdobramentos, é identificada e discutida uma série de similaridades, aproximações e diferenças contextuais que colaboram para um aprofundamento na compreensão acerca da historiografia de arquitetura latino-americana referente ao neocolonial.

Palavras-chave: Arquitetura neocolonial. Historiografia de arquitetura. América Latina. Transnacionalismo.

ABSTRACT

Neocolonial architecture was an architectural movement that spread widely across Latin America in an almost synchronous way at the beginning of the 20th century, so it can be understood as a “common denominator” in the architecture produced in the countries that make up this group. This work aims to open a debate about the historiography related to neocolonial architecture from a Latin American and transnational perspective, a bias of studies that emerges as an important precept for a broader understanding of this theme. Therefore, the research starts from the analysis of a publication that is fundamental to these discussions, the book *Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* published in 1994. Organized by Aracy Amaral, the publication is composed with the collaboration of prominent names in Latin American studies: Marina Waisman, Ramón Gutiérrez, Roberto Segre, Margarita Gutman, Germán Téllez, among others. From its developments, a series of contextual similarities, approximations, and differences are identified and discussed, contributing to a deeper understanding of the historiography of Latin American architecture regarding the neocolonial.

Keywords: Neocolonial architecture. Architectural historiography. Latin America. Transnationalism.

¹“O presente artigo é oriundo de pesquisa de mestrado concluída e defendida em 2022”, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), n. 88887.503186/2020-00.



INTRODUÇÃO

A arquitetura neocolonial pode ser apontada como uma vertente arquitetônica que se difundiu de forma ampla no continente americano, notadamente na América Latina à primeira metade do século XX, sobretudo nos anos de 1920 e 1930. Comum à maioria dos países do continente, o neocolonial é um movimento que se destaca, em geral, nos estudos contemporâneos, pelo viés pioneiro de valorização da identidade nacional desses países, à medida que volta o olhar à produção arquitetônica colonial (em alguns casos, também a pré-colonial), produções essas que, por vezes, não eram sequer valorizadas (MANRIQUE, 1994; PINHEIRO, 2011).

O neocolonial, porém, se apresenta como uma forma de arquitetura controversa: se estrutura como um movimento moderno em suas discussões e ideário, sobretudo por seu viés nacionalista, de valorização das identidades nacionais, mas se constrói por meio de um ecletismo sintático². À medida em que se populariza pelas cidades e pela arquitetura residencial, fato comum aos contextos em que esteve em voga, há um gradativo esvaziamento de seu caráter ideológico associado ao aumento de sua adoção estilística e decorativa – inclusive, com a difusão indiscriminada do que ficou conhecido como *mission style*³, que pode ser entendido mais como uma referência absorvida do contexto estadunidense do que um olhar ao passado e às missões coloniais espanholas (MANRIQUE, 1994, p. 41).

A partir da compreensão da arquitetura neocolonial como um “denominador comum” na América Latina, este trabalho visa abrir um debate que destaca o viés transnacional como um importante caminho para aprofundar o conhecimento historiográfico referente à arquitetura neocolonial no continente americano (lati-

no-americano, sobretudo). A perspectiva transnacional prioriza discussões que não tomam um país específico como o foco da interação, transcendendo as narrativas nacionais, em linha com o que coloca Barbara Weinstein (2013) no trabalho *Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional*:

Diferente do conceito da globalização, um conceito que supõe o declínio da nação e que é, do meu ponto de vista, profundamente comprometido com o neoliberalismo, os estudos transnacionais geralmente reconhecem a persistência da nação como uma esfera principal da política, da economia e da cultura. De um lado, isso permite uma maior atenção aos processos, às redes e aos fenômenos de todo tipo que atravessam as fronteiras da nação sem implicar a homogeneização; de outro, o transnacional nos permite ir além da identificação de particularidades ou especificidades num contexto nacional. (WEINSTEIN, 2013, p. 23).

Weinstein (2013) ressalta a importância da perspectiva transnacional especialmente nos estudos relativos à América Latina, área que, para a autora, é a mais produtiva para estudos dessa natureza. Dialogando com Weinstein e com outras contribuições que refletem sobre essa perspectiva, o pesquisador Fernando Atique (2020) faz um balanço importante do viés transnacional de forma mais próxima da historiografia da arquitetura e das cidades. Atique (2020) aponta que a noção de “encontro transnacional”, em referência ao conceito articulado por David Thelan (1999), reitera um protagonismo duplo (ou múltiplo, no caso deste trabalho) nas análises, ao invés de uma compreensão estanque dessas realidades. Em diálogo específico com o que pontua Weinstein (2013), Atique coloca que

² Por “ecletismo sintático” entende-se a mescla de características da arquitetura colonial com programas e técnicas construtivas modernas, utilizando-se de motivos do passado e articulando-os a uma nova maneira (MIGNOT, 1984, p. 100; RAMALHO, 1989, p. 43 apud PINHEIRO, 2011, p. 44).

³ A escassa documentação histórica sobre as missões espanholas no México, somada à anexação de parte do território mexicano aos Estados Unidos, o distanciamento cultural entre os novos povos e essas tradições, propiciaram uma apropriação livre de formas como símbolos regionais. O estilo passa a ser adotado para edifícios de caracteres diversos – casas, hotéis, escolas – o que faz com que se transforme em um emblema da região californiana no começo do século XX (TORRE, 1994).

O caminho é encontrar os fluxos, os personagens e os arquivos que alimentam conjuntamente essa reflexão que extravasa as fronteiras geográficas, pois elas são, de fato, etéreas quando abordamos instituições, técnicas e práticas profissionais como as desenvolvidas por engenheiros e arquitetos, em especial depois da Segunda Revolução Industrial. (ATIQUÉ, 2020, p. 67).

Uma ampla reflexão acerca do neocolonial na arquitetura latino-americana torna-se possível por meio da publicação do livro-coletânea *Arquitetura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994), organizado pela pesquisadora Aracy Abreu Amaral. A obra é uma referência basilar ao tema, uma das primeiras a discutir amplamente o neocolonial como enfoque central⁴. Os trabalhos reunidos são oriundos do seminário *El neocolonial en América Latina*, coordenado também por Aracy Amaral com apoio da *Fundação Memorial da América Latina*, que objetivava compreender o tema enquanto um “denominador comum” na arquitetura dos países que compõe o continente já visando a organização do livro (AMARAL, 1994a, orelha do livro). O seminário reuniu textos de alguns dos mais importantes historiadores e críticos de arte e arquitetura a estudar a América Latina: Marina Waisman, Ramón Gutiérrez, Enrique Xavier de Anda Alanís, Roberto Segre, Alberto Petrini, Margarita Gutman, Germán Téllez, Jorge Alberto Manrique, Rita Eder, para citar alguns. É principalmente a partir desse grupo de trabalhos que se estrutura este estudo.

Os esforços de Amaral, seja com relação ao Seminário ou à publicação do livro, se aproximam amplamente do viés transnacional. É possível estabelecer uma relação a partir da proximidade temporal entre a data de publicação do livro (1994a) e o momento em que os debates acerca perspectiva transnacional entraram em maior voga, nos anos de 1990. Barbara Weinstein (2013, p. 16) aponta que é complexa a definição do momento em que se inicia o chamado “viés trans-

nacional”, mas enfatiza que o lançamento dos livros *Activists beyond borders: advocacy networks in international politics*, de Margaret Keck e Kathryn Sikkink (1998), e *Close encounters of empire: writing the cultural history of US-Latin America relations*, organizado por Gilberto Joseph, Catherine LeGrand e Ricardo Salvatore (1998), podem ser tidos como um “*bom momento fundacional*”. Ainda que esses livros apontados por Weinstein sejam posteriores à publicação de Amaral, as discussões que culminaram em suas publicações já aconteciam ao longo da década de 1990. Mais importante que a aproximação temporal são as características do próprio trabalho, que estão em linha com o que Weinstein (2013, p. 20) aponta como a maior vertente de estudos transnacionais: “*relações hemisféricas, com uma ênfase nos intercâmbios e colaborações dos cientistas sociais e outros experts que influenciaram as políticas governamentais, mas que circulam fora do contexto do oficialismo*”.

De forma a compreender o que levaria Aracy Amaral a conduzir tal abordagem e discussão acerca do tema da arquitetura neocolonial, em proporções continentais, é válido que se compreenda, ainda que brevemente, alguns pontos em sua trajetória. Ao mesmo tempo, é importante mencionar que estudar o neocolonial, naquele contexto, envolvia refletir sobre a problemática da busca do passado e da identidade nacional em “países novos”, fenômeno que aconteceu de maneira significativamente sincrônica nesses países de cultura mestiça (AMARAL, 1994a, quarta capa). Envolvia, também, indo além, a compreensão da transição do eixo de influência da Europa para os Estados Unidos⁵, como coloca Amaral no texto de abertura do livro (AMARAL, 1994b).

Aracy Amaral atua junto aos temas de arte e cultura em linha com as discussões de América Latina desde os anos de 1970, tornando-se uma pesquisadora referência nesses campos (COSTA JÚNIOR, 2018). Segundo coloca a pesquisadora Renata Ribeiro dos

⁴ Há no próprio livro a menção de tratar-se de uma abordagem inédita à temática do neocolonial como assunto central da publicação (AMARAL, 1994a, quarta capa), sobretudo quando se pensa a abordagem na perspectiva transnacional.

⁵ Essas relações envolvendo a influência dos Estados Unidos no contexto latino-americano, com ênfases no neocolonial, sobretudo na variante *mission style*, são discutidas amplamente no trabalho *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945*, autoria de Fernando Atique (2007).

Santos (2020, p. 201), é amplamente reconhecido o fato de que Aracy Amaral, juntamente com outros nomes importantes, como Marta Traba, Damián Bayón, Juan Acha e Nelly Richard, compõe o grupo a lançar pautas ao processo de “*elaboração, sistematização, reconhecimento e escrita de uma historiografia da arte da América Latina que, ao presente, se entende como uma categoria consolidada*” (tradução nossa)⁶. Nessa perspectiva, Amaral esteve envolvida com as discussões em torno da elaboração do livro *América Latina en sus Artes* (1974) coordenado por Damián Bayón, encomendado pela Unesco como parte da série *América Latina en su Cultura*. Ainda segundo Santos (2020), teria seu nome sugerido para a colaboração na obra, recomendado a Bayón por Mário Pedrosa. Amaral declina o convite inicial, deixando patente que

se houvesse uma vontade de elaborar um corpo teórico conjunto sobre a produção estética da região, este não poderia estar subordinado a uma vontade homogeneizadora e sem matizes locais (SANTOS, 2020, p. 205, tradução nossa)⁷.

Todas as referidas informações ao redor da atuação de Aracy Amaral, bem como de sua relação com a publicação *América Latina en sus Artes* (1974), fazem com que se levante a hipótese de uma referência no projeto de Bayón para a realização de *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe e Estados Unidos*. Tal hipótese pode ser validada em parte pelas similaridades entre a organização dos projetos, bem como pelo envolvimento de um grupo semelhante de colaboradores (muitos historiadores e críticos atuaram em ambos os projetos). Tudo isso explicita que havia de fato uma rede de diálogos estabelecida entre os diversos contextos latino-americanos e seus intelectuais a trabalharem de forma colaborativa. A coleção de cartas reunidas

no Fundo Aracy Amaral no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)⁸ registra os diálogos entre Aracy Amaral e seus colaboradores no contexto de produção do livro. Uma leitura incipiente desse acervo confirma que havia, de fato, uma aproximação prévia entre Amaral e alguns dos intelectuais que colaboraram na antologia – mas não todos. Um exemplo seria seu contato mais próximo com Ramon Gutierrez⁹, quem inclusive sugere e fornece o contato de uma série de outros nomes para colaboração no livro.

Discutir uma manifestação arquitetônica comum a contextos diversos, com suas próprias histórias e trajetórias nacionais, requer atenção frente às generalizações, uma vez que mesmo entre as similaridades existem nuances diversas. Os textos (e os autores) reunidos no livro exploram as perspectivas da arquitetura neocolonial na América Latina compreendendo-as em suas particularidades, ao passo que também debatem as características próprias de cada território em diálogo com os demais. O que aponta, como coloca Santos (2020, p. 205), para um caráter emancipatório e homogeneizante, direção em que os Estudos Latino-americanos caminharam ao início da década de 1990 – e que tem relação direta com o viés transnacional, que “*permite-nos ver como o local e o global são inextricavelmente ligados um ao outro*” (KLEIN, 2003 apud ATIQUE, 2020, p. 66).

Tal abordagem nos remonta, também, à Castro-Gómez (2017), ao discutir “*a impossibilidade do particularismo das identidades*”. Debater a arquitetura neocolonial por meio dos matizes locais latino-americanos, com autores que existem (e atuam) inseridos em seus respectivos contextos, permite que se compreenda esse mesmo tema sob uma rede de relações e diferenças, tendo em vista, como aponta Castro-Gómez (2017, p. 252), que ne-

⁶ No original: “*Aracy Abreu Amaral (São Paulo, 1930) juntamente con otros importantes nombres de la historia, crítica y teoría del arte – como por ejemplo el argentino Damián Bayón, el peruano Juan Acha, la argentino-colombiana Marta Traba o la franco-chilena Nelly Richard – sentaron las pautas para el proceso de elaboración, sistematización, reconocimiento y escritura de una historiografía del arte de América Latina que, al día de hoy se entiende como una categoría consolidada.*” (SANTOS, 2020, p. 201).

⁷ No original: “*si bien hubiera una voluntad de una elaboración de un cuerpo teórico conjunto sobre la producción estética de la región, este no podría estar supeditado a una voluntad homogeneizadora y sin matices locales*” (SANTOS, 2020, p. 205).

⁸ Fundo Aracy Amaral, Arquivo do IEB/USP, código de referência AAA-ARQNEO.

⁹ Correspondências trocadas entre Aracy Amaral e Ramon Gutierrez estão registradas no *Fundo A.A.A.* no IEB sob os códigos AAA-ARQNEO-348, AAA-ARQNEO-357, AAA-ARQNEO-413, AAA-ARQNEO-506, AAA-ARQNEO-532, AAA-ARQNEO-548. Em uma das cartas (AAA-ARQNEO-348), Amaral menciona, por exemplo, contato anterior com Gutierrez, no contexto do *Encuentro de Historiadores*, que teria acontecido em São Paulo em 1987.

nhuma prática tem sentido por si mesma, com independência frente a uma rede de relações diferenciais. Ainda que a compreensão acerca do que configura a arquitetura neocolonial seja similar na América Latina, muito se discute, dentro do livro, inclusive, sobre o que configura essa manifestação em cada contexto específico.

Ciro Perichi (1994) e Marina Waisman (1994), em suas respectivas contribuições à antologia, reiteram que sob a mesma designação de “neocolonial” compreendem-se arquiteturas cujas especificidades variam de acordo com o contexto sócio-político-cultural em que se situam. Postura essa que nos remete outra vez ao que pontua Atique (2020), em diálogo com Seigel (2009) e Weinstein (2013), ao enfatizar que a perspectiva transnacional não substitui a história calcada na ideia do nacional, mas explora “o global no local, via interações de grupos ou entidades que não cabem em limites nacionais” (SEIGEL, 2009).

Tomemos, por exemplo, o caráter de arquitetura nacionalista assumido pelo neocolonial em alguns desses contextos ao início do século XX. Países como México, Argentina e Brasil tiveram no neocolonial um movimento inicial com forte peso ideológico. As discussões a ele relacionadas, nesses países, se aproximavam daquelas de grandes movimentos artísticos do âmbito latino-americano, discutidos por Manrique (1974) no artigo *¿Identidad o modernidad?* presente no volume *América Latina en sus Artes* (1974):

As duas faces que apresentam são talvez o resultado de uma atitude ambígua inerente ao que poderíamos chamar o espírito ibero-americano. Os movimentos que agruparam os artistas têm, embora em proporções diversas, um denominador comum, que consiste em ser, simultaneamente, um despertar para a modernidade, abrir os olhos para o que a Europa fazia de revolucionário nesse momento e abrir as portas para a infinidade de formas que ali ofereciam nas duas primeiras décadas

do século; e, ao mesmo tempo, abrir também os olhos da arte à consciência da própria realidade social, à procura de algo capaz de nos definir e identificar como diferentes em relação à Europa. (MANRIQUE, 1974, p. 19, tradução nossa)¹⁰.

Analisando o caso do México em específico, Jorge Alberto Manrique (1994) coloca que o neocolonial mexicano foi uma resposta a atitudes culturais, coincidentes com aquelas que se ascenderam por toda a América Latina. O nacionalismo que instigou a arquitetura neocolonial se alinhava à visão revolucionária de nação e à nova busca pela identidade nacional nas próprias tradições mexicanas. Esse pensamento teria se estruturado principalmente na parte final do regime de Porfírio Díaz, momento em que teve sua primeira aderência teórica com Jesús T. Acevedo e Federico Mariscal¹¹. Posteriormente, na revolução armada de 1910, o movimento teve um novo destaque, com a gestão de José Vasconcelos na secretaria de Educação Pública em 1920. Ainda, segundo o autor, o grande espaço que a arquitetura neocolonial ocupou no México do século XX confirma o fato de que ela respondia às necessidades anímicas, culturais e de classe daquele contexto. Diversos arquitetos prestigiados e outros menos conhecidos teriam realizado essa arquitetura “moderna em sua função, que aproveitava as possibilidades das novas técnicas construtivas e que se inspirava livremente na tradição mexicana” (MANRIQUE, 1994, p. 42, tradução nossa)¹².

Assim como no México, no Brasil, inicialmente, a arquitetura neocolonial surgiu calcada em um ideário que se voltava ao passado colonial. Aqui, recorre-se a outra publicação seminal para a compreensão do tema no Brasil: *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil* de Maria Lucia Bressan Pinheiro (2011). Segundo a autora, essa arquitetura configura uma manifestação importante e pioneira de reconhecimento da identidade nacional

¹⁰No original: “Las dos caras que presentan son quizá el resultado de una actitud ambigua inherente a lo que pudiéramos llamar el espíritu iberoamericano. Los movimientos que agruparon a los artistas tienen, aunque en proporciones diversas, un denominador común, consistente en ser, simultáneamente, un despertar a la modernidad, abrir los ojos hacia lo que Europa hacía de revolucionario en ese momento y abrir las manos a la infinidad de formas que allí ofrecían en las dos décadas primeras del siglo; y al mismo tiempo un abrir también los ojos del arte a la conciencia de la propia realidad social, en busca de algo capaz de definirnos e identificarnos como diferentes frente a Europa” (MANRIQUE, 1974, p. 19)

¹¹Jesús T. Acevedo e Federico Mariscal foram intelectuais proeminentes no México. Arquitetos, escritores e catedráticos.

¹²No original: “moderna por su función, que aprovechara las posibilidades de las nuevas técnicas constructivas y que se inspiraba libremente en la tradición mexicana” (MANRIQUE, 1994, p. 42).

brasileira a alcançar uma mobilização simbólica e ampla difusão na sociedade, para além dos meios acadêmicos. O que por si só já configura um grande feito para a arquitetura, que essencialmente exige um grande engajamento de tempo e recursos (PINHEIRO, 2011). Soma-se a esse caráter inovador da arquitetura neocolonial, justamente por ação de seu “nacionalismo”¹³, o olhar fundamental à arquitetura colonial e a sua valorização. No Brasil, Pinheiro (2011) aponta que, antes da manifestação neocolonial, imperava socialmente o desejo de apagar esse passado colonial, tido como primitivo e retrógrado, em nome do progresso. Ainda na linha da valorização da arquitetura do passado, outra contribuição importante oriunda da difusão da arquitetura neocolonial, essa mais amplamente reconhecida, consiste no estímulo ao surgimento da ideia preservacionista no Brasil.

Os avanços na compreensão acerca do neocolonial na historiografia de arquitetura brasileira, vinculados sobretudo a publicações importantes a debater o tema, como Kessel (2008) e Pinheiro (2011), têm na publicação organizada por Aracy Amaral (1994a) uma importante referência. No livro, as perspectivas acerca do Brasil são debatidas por Carlos Lemos, Augusto da Silva Telles e Ricardo Marques de Azevedo. Todos os autores são arquitetos e figuras proeminentes na pesquisa e na docência em arquitetura e urbanismo, com ênfase em história da arquitetura – e da arte, no caso de Azevedo. As discussões acerca do neocolonial no Brasil, naquele momento, surgem sob um tom mais reprobatório frente a outras análises presentes no próprio livro. Isto porque, possivelmente, a Arquitetura Moderna se consolidou hegemônica nas narrativas da história da arquitetura brasileira, em detrimento de outras vertentes arquitetônicas como neocolonial (PUPPI, 1998). Ainda assim, esses autores reconhecem contribuições oriundas dessa arquitetura, para além de todos os problemas apontados, uma representação do rompimento com um modo de leitura historiográfica

que compreendia a arquitetura neocolonial como parte das manifestações arquitetônicas de caráter historicista vinculadas ao ecletismo, “o último capítulo da voga eclética entre nós” (FABRIS, 1993, p. 141). Essa diferenciação é uma razão importante para uma revisão do olhar historiográfico acerca do tema.

Outro ponto a se destacar é o enfoque central do estudo voltado à arquitetura neocolonial, o que era praticamente inédito até então, principalmente ao se pensar em uma publicação nesses moldes. No livro, Carlos Lemos (1994), por exemplo, aponta que a arquitetura neocolonial configura uma tendência amplamente aceita e popularizada, além de constituir uma solução “moderna” para o período: “*não se tratava de uma ideia elitista, mas de uma tipologia ‘moderna’ que fazia esquecer as tristes casas de antes da guerra*” (LEMOS, 1994, p. 160, tradução nossa)¹⁴.

Na leitura de Lemos (1994, p. 149), porém, essa arquitetura de viés nacionalista no Brasil teria despontado, em grande medida, como uma resposta à arquitetura dos imigrantes, isto é, a arquitetura eclética. O autor coloca que o referencial nacionalista teria surgido “*não por amor às antigas soluções estilísticas, mas pela necessidade de um gesto de afirmação nacionalista por parte do dono da casa que se opunha ao imigrante cheio de novidades [...]*”¹⁵. O neocolonial entendido como uma resposta “nacional” frente à arquitetura eclética também é uma perspectiva que se repete na América Latina, ainda que, segundo a análise de Lemos (1994), seja uma tendência mais significativa no Brasil.

Toda essa discussão, contudo, não pode ser aplicada a todos os contextos latino-americanos. Em muitos locais o neocolonial enquanto manifestação pautada por um pensamento nacionalista não chegou de fato a representar um conjunto. As razões pelas quais isso teria se dado são diversas. Segundo consta no livro, há casos como o do Paraguai em que a produção neocolonial

¹³Faz-se uso de aspas ao tratar do nacionalismo inserido no ideário neocolonial no contexto brasileiro porque, segundo a pesquisa ainda em desenvolvimento por este autor, tem-se notado que o viés político atribuído à ideia de nacionalismo era pouco presente no discurso, associando-se mais ao aspecto da criação de uma “identidade nacional” por meio da valorização do passado colonial.

¹⁴No original: “*no se tratava de una idea elitista, sino de una tipología ‘moderna’ que hacía olvidar las tristes casas de antes de la guerra*” (LEMOS, 1994, p. 160).

¹⁵No original: “*no por amor a las antiguas soluciones estilísticas, sino por la necesidad de un gesto de afirmación nacionalista por parte del dueño de la casa que se oponía al inmigrante lleno de novedades [...]*” (LEMOS, 1994, p. 149).

foi tardia por consequência da crise estrutural do país e absorvida principalmente como um estilo de moda. Em outra perspectiva, há o caso do Uruguai cujo desenvolvimento e a aprovação da arquitetura racionalista se deram de forma muito antecipada, limitando as possibilidades de expansão do neocolonial como alternativa ao academicismo (GUTIÉRREZ, 1994).

As reflexões sobre os nacionalismos culturais hispano-americanos são discutidas também por Potes, Paz e Arboleda (2000) no livro *Arquitecturas Neocoloniales: Cali 1920-1950*, que dialoga amplamente com a publicação organizada por Amaral (1994). Segundo os autores, as manifestações hispano-americanas na arquitetura neocolonial de cada contexto específico se expressam de formas bastante diversas e até contrastantes. Em alguns contextos, esse nacionalismo cultural se apresentou de forma progressista, enquanto em outros se expressou como uma posição conservadora, contrária à transformação. Nessa linha, é válido mencionar que

(...) o problema expressivo da arquitetura neocolonial denunciou a dificuldade das sociedades hispanoamericanas de encontrar resposta em um momento de instabilidade pelas mudanças sociais que se traduziram em crescentes conflitos internos, ameaçadas e influenciadas pelo tempo por uma potência como os Estados Unidos, no que poderia muito bem ser considerado uma situação de crise face ao mundo exterior e face à seus próprios componentes sociais. Por esta razão, estas formas artísticas nacionalistas foram ambíguas, respondendo a diagnósticos e intenções muitas vezes totalmente antagônicas. Foi assim que foram promovidas por setores progressistas que reivindicaram o popular e viram em sua estética uma promessa de liberação cultural, como também por setores conservadores que se legitimaram na sanção da tradição e da história. (POTES; PAZ; ARBOLEDA, 2000, p. 114, tradução nossa)¹⁶.

Tais diferenças acontecem porque os contextos, ainda que coexistindo em uma mesma linha de relações, aglutinados sob a denominação de América Latina, têm suas particularidades históricas e culturais frente ao grupo. As influências recaem de diferentes formas sobre grupos distintos e o ponto de partida de determinadas motivações também pode ser distinto. Nessa perspectiva, tomando por analogia o que coloca Castro-Gómez (2017) sobre as universalidades, entende-se que a compreensão do neocolonial na América Latina deve ser realizada por meio de uma *universalidade concreta*, isto é, que se constrói a partir das particularidades de cada contexto, sempre as levando em consideração. Ao nosso ver, a antologia coordenada por Aracy Amaral consegue, em linhas gerais, fazê-lo.

Nessa linha, Manrique (1974, p. 24) coloca que “*as novas repúblicas [na América Latina] surgem desligadas do vínculo político, mas talvez mais ligadas que antes a um vínculo cultural*”¹⁷, e é natural que, ao se aproximarem os centenários da independência naquele contexto de início do século XX, se queira buscar uma identidade nacional, olhar ao passado, conseguir uma independência cultural. Essa é uma das perspectivas apontadas por Amaral (1994a) a justificar a emergência do neocolonial como denominador comum na América Latina. Em paralelo, Potes, Paz e Arboleda (2000) reiteram a complexidade relativa ao cenário sócio-político-cultural em que desponta o neocolonial na América Latina:

Enquanto no México pós-revolucionário, primeiro o neocolonial e, depois, o neoindigenismo (utilizando como veículo o Art Déco) tentam conciliar produtivamente as formas e temas do passado com uma sociedade que se buscava modernizar, em Porto Rico, o neocolonial hispanófilo, que bem representa Pedro de Castro com suas idealizações de cortiços e castelos [...] foi a forma assumida pelos setores conservadores mais privilegiados como uma reafirmação da legitimidade de sua primazia cultural e

¹⁶ No original: “(...) el problema expresivo de la arquitectura neocolonial denunció la dificultad de las sociedades hispanoamericanas, de encontrar respuesta en un momento de inestabilidad por los cambios sociales que se tradujeron en crecientes conflictos internos, amenazadas e influenciadas al tiempo por una potencia como Estados Unidos, en lo que bien podría considerarse como una situación de crisis frente al mundo exterior y frente a sus propios componentes sociales. Por esta razón este tipo de formas artísticas nacionalistas fueron ambiguas, respondiendo a diagnósticos e intenciones muchas veces totalmente antagónicas. Es así como fueron promovidas por sectores progresistas que reivindicaron lo popular y viraron en su estética una promesa de liberación cultural como también por sectores conservadores que se legitimaron en la sanción de la tradición y la historia.” (POTES; PAZ; ARBOLEDA, 2000, p. 114).

¹⁷ No original: “las nuevas repúblicas [en América Latina] surgen desligadas del vínculo político, pero quizá más atadas que antes a un vínculo cultural” (MANRIQUE, 1974, p.24)

social em sua rejeição à influência e à dependência dos Estados Unidos e às mudanças sociais que isto implicou. Os nacionalismos (possivelmente o “mito de identidade” mais complexo do mundo moderno) são tão ambíguos como contraditórios, podem ter caracteres tanto progressistas como retardatários. A referência do nacionalismo à história é sempre uma inevitável “construção seletiva” do passado, buscando, como a menciona George Orwell em 1984, controlar o passado para controlar o presente.(POTES; PAZ; ARBOLEDA, 2000, p. 115, tradução nossa)¹⁸.

Outra perspectiva a justificar a emergência do neocolonial, de forma complementar, também debatida por Amaral (1994a) e, sobretudo, por Ramón Gutierrez (1994, p. 61) é a presença de um referencial estadunidense na América Latina, estabelecida por meio de produtos da indústria cultural: filmes, principalmente, mas também revistas e livros.

As relações de referência cultural estabelecidas entre Estados Unidos e Brasil são estudadas, em contexto posterior à publicação de Amaral, por Fernando Atique (2007) em sua tese de doutorado *Arquitetando a “Boa Vizinhaça”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945*. No referido trabalho, Atique direciona o enfoque dos estudos ao processo de construção de diálogos entre Brasil e Estados Unidos, no que concerne principalmente a arquitetura, mas também o urbanismo e a sociedade brasileira entre os anos de 1876 e 1945. Nessas discussões, a arquitetura neocolonial, *mission style* principalmente, emerge como um reflexo dessas relações e é compreendida a partir de um viés pan-americanista.

Atique (2007, p. 9) aponta que a historiografia da arquitetura e da cidade brasileira apresenta um predomínio de narrativas que tem na presença europeia a constituição de seu aspecto formal, o que contempla, de fato, a inegável ação do continente europeu sobre o Brasil.

Tratando-se das referências estadunidenses, conquanto existam estudos consolidados nas ciências humanas que comprovem aproximações culturais, econômicas e políticas entre esses contextos, esses estudos ainda são escassos no que toca ao desenvolvimento de espaços urbanos ou arquitetônicos. A ausência de uma abordagem Estados Unidos-Brasil gera, segundo o autor, uma “*imagem nebulosa da presença norte-americana*” no país e tem consequências históricas.

À medida que seu trabalho se aprofunda nos estudos que gravitam em torno do neocolonial, algumas lacunas deste campo tornam-se mais evidentes, todas ancoradas no mesmo pressuposto: o mecanismo teleológico de escrita da história da arquitetura brasileira que se tornou a base da produção historiográfica do campo no Brasil (ATIQUE, 2007). Essa é uma das justificativas apontadas pelo pesquisador para a escassa discussão em torno das referências norte-americanas naquele contexto, porque “*os autores vinculados a esta forma de interpretar a história da arquitetura muito pouco revelaram dos germanismos e, principalmente, dos americanismos presentes no país desde os finais do século XIX*” (ATIQUE, 2007, p. 9). Soma-se a isso “*o desconforto de pensar o papel dos Estados Unidos em pleno período da Guerra Fria*” (ATIQUE, 2007, p. 10). Ainda nessa perspectiva, o autor reconhece que a produção historiográfica acerca do *mission style* é ainda mais lacunar. O que é identificado por Fernando Atique (2007) pode ser uma tendência a se repetir em outros contextos latino-americanos.

De toda forma, independente de qual seja a razão (ou todas elas somadas) pela qual a arquitetura neocolonial tenha se tornado um denominador comum no contexto latino-americano, e ainda que apresente certos equívocos e anacronismos, esse movimento trouxe consigo reflexões e avanços que também se tornaram comuns aos contextos pelos quais se emergiu. O olhar e o reconhecimento da importância do passado colonial é uma herança importante do neocolonial na

¹⁸No original: *Mientras que en el México posrevolucionario, el neocolonial primero, y el neindigenismo (utilizando como vehículo el Art Déco) después, intentan conciliar productivamente las formas y temas del pasado con una sociedad que se buscaba modernizar, en Puerto Rico el neocolonial hispanófilo, que bien representa Pedro de Castro con sus idealizaciones de cortijos y castillos [...], fue la forma asumida por los sectores conservadores mas privilegiados como reafirmación de la legitimidad de su primacía cultural y social en su rechazo al influjo y dependencia con Estados Unidos y a los cambios sociales que esto implicó. Los nacionalismos (posiblemente el “mito de identidad” más complejo del mundo moderno) son tan ambiguos como contradictorios, pueden tener caracteres tanto progresistas como retardatarios. La referencia del nacionalismo a la historia siempre es una inevitable “construcción selectiva” del pasado, persiguiendo, como la menciona George Orwell en 1984, controlar el pasado para controlar el presente.* (POTES; PAZ; ARBOLEDA, 2000, p. 115)

América Latina. A partir desse olhar, em países como o México e o Peru, desponta a consciência e o respeito pelos povos originários (AMARAL, 1994a). Há também o incentivo à valorização da arte e da arquitetura colonial em geral, que por vezes era menosprezada, apagada ou simplesmente desconhecida. O impulso ao pensamento preservacionista que perpassa toda América Latina é outro fator amplamente reconhecido (AMARAL, 1994a; FERRARI, 1994; WAISMAN, 1994), também é possível que essa seja um dos mais significativos legados da arquitetura neocolonial.

Em suma, é válido mencionar que muito se avançou acerca da compreensão sobre o neocolonial enquanto um movimento de arquitetura. Com o avanço da pesquisa no tema, o tom negativo que por vezes aparecia ao discutir o assunto, até mesmo no livro coordenado por Aracy Amaral cujo enfoque reside nessa arquitetura em específico, tem sido gradativamente superado. Trabalhos aqui mencionados, como os de Potes, Paz e Arboleda (2000), Atique (2007) e Pinheiro (2011) atestam esses avanços. Muito disso certamente se deve à publicação *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994). Amaral não só traz à luz a arquitetura neocolonial, minimamente abordada até então, mas também inaugura um caminho importante ao refletir sobre essa arquitetura em um diálogo transnacional.

Estudar a historiografia da arquitetura neocolonial sob um viés transnacional a partir do livro *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos* (1994) constitui uma chave importante para a compreensão de questões relativas ao neocolonial e seu reconhecimento como uma manifestação arquitetônica autócotone no continente americano. No entanto, ainda há muito a ser pesquisado e debatido na historiografia da arquitetura sobre o neocolonial, sobretudo no que toca a essa ampla relação entre os diversos contextos americanos.

Os estudos de historiografia da arquitetura sob viés transnacional apontam para várias outras chaves de investigação para além do livro abordado. É o caso dos *Congressos Pan-Americanos de Arquitectos* (1920-1940)¹⁹, próximos temporalmente da voga neocolonial no continente, além de marcos como a *I Bienal Latino-Americana de São Paulo* (1978), a *Bienal del Mercosur* (1997) e a *Exposición Artistas Latinoamericanos del siglo XX* (Sevilla, 1992). Nessa perspectiva, Potes, Paz e Arboleda (2000:10) destacam ainda outros eventos que são importantes para a compreensão do contexto artístico-cultural em que o neocolonial se manifestou na América Latina. Exposições como *Art déco. Un país nacionalista, un México cosmopolita* (Museu Nacional de Arte, MUNAL, 1997-98) e *Misiones Culturales, Los años utópicos* (Bellas Artes, México, 1998-99); *Hispanofilia: el revival español en la arquitectura y vida en Puerto Rico* (Porto Rico, 1998); *Colombia en el Umbral de la Modernidad* (Museo de Arte Moderno de Bogotá, 1997-98), e o livro *El Arte Colombiano de los años Veinte y Treinta* (1995).

Um estudo aprofundado das referências elencadas certamente constituirá outra chave importante para o avanço nos estudos de historiografia da arquitetura neocolonial na perspectiva transnacional. Ademais, é válido mencionar que o Fundo Aracy Abreu Amaral no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) agrupa cerca de 603 documentos das mais diversas naturezas sob a referência “neocolonial”. Este trabalho abre um debate, reconhecendo que a leitura da arquitetura neocolonial envolvendo o continente americano constitui um campo de discussão historiográfica importante, ainda a ser explorado em maior profundidade. A partir de um estudo transnacional, alicerçado em fontes como o livro coordenado por Amaral e tantos outros documentos ainda a serem explorados, é possível que se trace novos caminhos e reflexões, de forma a colaborar na expansão do conhecimento historiográfico acerca da arquitetura neocolonial, além de propiciar um aprofundamento na compreensão das relações sociais, políticas e culturais que envolvem os diversos contextos que compõem a América Latina.

¹⁹ Sobre os Congressos Pan-Americanos de Arquitectos e as relações profissionais da arquitetura entre os diversos contextos do continente americano, ver: ATIQUE, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial, 1994a.
- AMARAL, Aracy. *La invención de un pasado*. In: AMARAL, Aracy (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial 1994b.
- ATTIQUE, Fernando. A historiografia da arquitetura e das cidades, de fato, “importa”? Um balanço sobre algumas histórias transnacionais do espaço construído. *América: revista da pós-graduação da escola da cidade*, São Paulo, n. 2, 2020, p. 64-73.
- ATTIQUE, Fernando. *Arquitetando a “Boa Vizinhaça”*: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945. 2007. 470f. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- ATTIQUE, Fernando. Articulações profissionais: os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e o amadurecimento de uma profissão no Brasil, 1920-1940. In: GOMES, Maaf (Org.). *Urbanismo na América do Sul*: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BAYÓN, Damián. (Org.). *América Latina en sus artes*. 9ª ed. México: Siglo XXI; Unesco, 1974.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *¿Qué hacer con los universalismos occidentales? Observaciones en torno al giro decolonial*. *Revista Ideação*, Feira de Santana, v. 1, n. 35, p. 40-76, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18566/apolit.v7n13.a02>.
- COSTA JÚNIOR, Eustáquio Ornelas. Ampliando territórios na arte: ensaios críticos de Marta Traba e Aracy Amaral sobre arte e cultura da América Latina (1970s). XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE, 11., 2018, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Edusp, 2018. p.291-301.
- FABRIS, Annateresa. *Arquitetura Eclética no Brasil: O cenário da modernização*. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 1, n. 1, p.131-143, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-47141993000100011>.
- FERRARI, Claudio. *Arquitetura neocolonial em Chile (1915-1945)*. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial, 1994.
- GUTIÉRREZ, Ramón. Una entusiasta introspección: el neocolonial en el Río de la Plata. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial, 1994.
- KECK, Margaret E. SIKKINK, Kathryn. *Activists beyond Borders: Advocacy Networks in International Politics*. Cornell University Press, 1st Edition. April 15, 1998.
- KESSEL, Carlos. *Arquitetura Neocolonial no Brasil: Entre o pastiche e a modernidade*. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2008.
- KLEIN, Christina. *Cold War Orientalism: Asia in the middle-brown imagination, 1945-1961*. Los Angeles: University of California Press, 2003.
- JOSEPH, Gilbert M. LEGRAND, Catherine C. SALVATORE, Ricardo D. *Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of U.S.-Latin American Relations*. Duke University Press, Illustrated ed. September 22, 1998.
- LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. El Estilo que nunca existió. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial, 1994. p. 147-164.
- MANRIQUE, Jorge Alberto. *¿Identidad o modernidad?* In: BAYÓN, Damián. *América Latina en sus Artes*. México: Siglo XXI, 1974. p. 19-33.
- MANRIQUE, Jorge Alberto. México se quiere otra vez barroco. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial, 1994.
- PERICHI, Ciro Caraballo. Venezuela: la arquitectura tras la quimera de la historia. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial, 1994.
- PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2011.
- POTES, Francisco Ramírez; PAZ, Jaime Gutierrez; ARBOLEDA, Rodrigo Uribe. *Arquiteturas Neocoloniales: Cali 1920-1950*. Cali: Editorial Univalle, 2000.

PUPPI, Marcelo. *Por uma história não moderna da arquitetura brasileira*. Campinas: Pontes, 1998.

SANTOS, Renata Ribeiro. *El fondo Aracy Abreu Amaral y la historiografía del arte de América Latina*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 75, p. 200-210, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i75p200-210>.

SEIGEL, Micol. *Uneven Encounters: making race and nation in Brazil and the United States*. Durham: Duke University Press, 2009.

THELAN, David. *The nation and beyond: transnational perspectives on United States History*. *The Journal of American History*, Bloomington, v. 86, n. 3, 965-975, 1999. DOI: <https://doi.org/10.2307/2568601>.

TORRE, Susana. En busca de una identidad regional: evolución de los estilos misioneros y neocolonial hispano en California entre 1880 e 1930. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitectura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial, 1994.

WAISMAN, Marina. Neocolonial y moderno: falacias y realidades. In: AMARAL, Aracy. (Coord.). *Arquitectura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial, 1994.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, São Paulo, n. 14, p. 9-36, 2013. DOI: <https://doi.org/10.46752/anphlac.14.2013.2331>.